

David E. Zimmerman

Fundamentos Psicanalíticos

Teoria, técnica e clínica

uma abordagem didática



WINNICOTT



LACAN



FREUD



BION



M. KLEIN





Z71f Zimerman, David E.
Fundamentos psicanalíticos [recurso eletrônico] : teoria, técnica e clínica :
uma abordagem didática / David E. Zimerman. – Dados eletrônicos. – Porto
Alegre : Artmed, 2007.

Editado também como livro impresso em 1999.
ISBN 978-85-363-0814-2

1. Psicanálise. I. Título.

CDU 159.964.2

Catálogo na publicação: Júlia Angst Coelho – CRB 10/1712

Fundamentos Psicanalíticos

Teoria, técnica e clínica

uma abordagem didática

David E. Zimmerman

Médico Psiquiatra.

Membro Efetivo e Psicanalista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Psicoterapeuta de Grupo.

Ex-Presidente da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul.

Reimpressão 2010



1999

© Artmed Editora S.A., 1999

Capa

Joaquim da Fonseca

Preparação do original
Supervisão editorial
Projeto gráfico
Editoração eletrônica

artmed[®]
EDITOGRÁFICA

Reservados todos os direitos de publicação, em língua portuguesa, à

ARTMED[®] EDITORA S.A.

Av. Jerônimo de Ornelas, 670 - Santana

90040-340 Porto Alegre RS

Fone (51) 3027-7000 Fax (51) 3027-7070

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa da Editora.

SÃO PAULO

Av. Embaixador Macedo Soares, 10.735 - Pavilhão 5 - Cond. Espace Center

Vila Anastácio 05095-035 São Paulo SP

Fone (11) 3665-1100 Fax (11) 3667-1333

SAC 0800 703-3444

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	13
<hr/>	
PRIMEIRA PARTE: ASPECTOS GERAIS	19
1 Evolução Histórica da Psicanálise	21
2 Psicoterapia e Psicanálise: Semelhanças e Diferenças	31
3 As Sete Escolas de Psicanálise	41
4 A Psicanálise Contemporânea	63
<hr/>	
SEGUNDA PARTE: TEORIA	75
5 A Estrutura e o Funcionamento do Psiquismo	77
6 A Formação da Personalidade	89
7 O Grupo Familiar: Normalidade e Patologia da Função Materna	103
8 Trauma e Desamparo	111
9 As Pulsões do Id	117
10 As Funções do Ego	123
11 Os Mandamentos do Superego	133
12 Inveja: Pulsão ou Defesa?	141
13 Posições: A Posição Narcisista	153
14 Vínculos: O “Vínculo do Reconhecimento”	163
15 Sonhos: Formação e Funções	175
16 O Espelho na Teoria e na Prática Psicanalítica	185
<hr/>	
TERCEIRA PARTE: PSICOPATOLOGIA	195
17 Neuroses	197
18 Histerias	207
19 Depressões	217
20 Psicoses	227
21 Pacientes Somatizadores	239

22	Perversões	253
23	Homossexualidade	261
24	Pacientes de Difícil Acesso	273
<hr/>		
QUARTA PARTE: TÉCNICA		279
25	Entrevista Inicial: Indicações e Contra-Indicações – O Contrato	281
26	O que Mudou nas “Regras Técnicas” Legadas por Freud?	291
27	O <i>Setting</i> (Enquadre)	301
28	Resistências	309
29	Contra-Resistência	317
30	Impasses: Reação Terapêutica Negativa	325
31	Transferências	331
32	Contratransferência	347
33	A Comunicação Não-Verbal na Situação Psicanalítica	359
34	O Silêncio na Situação Psicanalítica	369
35	A Atividade Interpretativa	377
36	As Atuações (<i>Actings</i>)	391
37	A Face Narcisista da Sexualidade Edípica	399
38	<i>Insight</i> – Elaboração – Cura	411
39	Fundamentos Psicanalíticos com Crianças e Adolescentes	421
	<i>Frederico Seewald</i>	
40	Psicoterapia Analítica de Grupo	437
41	Condições Necessárias para um Analista	451
42	Epílogo: A Crise Atual e as Perspectivas Futuras da Psicanálise	459
	<i>Referências Bibliográficas</i>	467
	<i>Índice Remissivo</i>	473

Agradecimentos

À Guite, minha esposa, grande companheira e grande figura humana.

Aos meus filhos: Leandro, por ser o filho e a pessoa que é; Idete, minha colega na SPPA, a quem devo a revisão de alguns capítulos e excelentes sugestões; e à memória de Alexandre, de quem guardo imorredouras lições de vida e de amor.

À memória de meus pais, pessoas que foram humildes, sérias e, sobretudo, generosas.

A Flávio Rotta Corrêa, meu prefaciador, com a minha carinhosa admiração, e em cuja pessoa agradeço a todos meus leais e queridos amigos.

A Frederico Seewald, pela amizade prestimosa, e por sua contribuição com um excelente capítulo, inserido nos parâmetros da psicanálise contemporânea.

A Henrique Kiperman e Celso Kiperman, meus editores, pelo incentivo e incondicional confiança que vêm depositando em mim.

Às inúmeras instituições que têm me prestigiado com honrosos convites para os mais diversos tipos de participação psicanalítica, ou não-psicanalítica, individual ou de grupo, em Porto Alegre, Pelotas, Caxias do Sul, Florianópolis, São Paulo, Ribeirão Preto, Franca, Recife, Maceió, Goiânia, Lisboa, Coimbra, etc., pela amabilidade, novas amizades e pelo estimulante reconhecimento.

Na pessoa do atual presidente da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Sérgio Levcowitz – pessoa querida e admirada por todos que lhe conhecem – devoto um carinhoso agradecimento aos atuais e ex-dirigentes e membros dessa prestigiosa e pujante instituição que eu tive a honra de presidir no biênio 1981-82.

Aos meus colegas mais jovens que compõem os meus grupos de estudo, pela fidelidade, convívio prazeroso e pelo permanente estímulo a me fazer estudar, pensar e escrever.

Igualmente, aos meus inúmeros supervisionandos que me possibilitam tanto uma multiplicação das vivências emocionais na prática analítica como também me propiciam o privilégio de poder contribuir com um tijolo para a construção da identidade psicanalítica de cada um deles.

Aos meus professores, supervisores e colegas da SPPA que propiciaram a minha formação psicanalítica e me abriram as portas para esse instigante, desafiador e maravilhoso – embora difícil e complexo – mundo da psicanálise. Em especial, meu reconhecimento e gratidão à memória de Paulo L.V. Guedes e Roberto P. Ribeiro, meus analistas.

Aos meus verdadeiros mestres – os meus pacientes –, que ao longo do meu exercício de quase 40 anos de atividade psicanalítica, de alguma forma, em alguma época e durante algum período, tiveram a coragem de mergulhar comigo no escuro de áreas revoltas e desconhecidas, partilhando os mais íntimos sentimentos, segredos, sonhos e esperanças, assim induzindo-me a um permanente uso de minha função auto-analítica.

Prefácio

“Pensar é algo que certamente não se aprende; é a coisa mais compartilhada do mundo, a mais espontânea, a mais inorgânica. Mas aquela também da qual se é mais afastado. Pode-se desaprender a pensar: tudo concorre para isso. Entregar-se ao pensamento demanda até mesmo audácia quando tudo se opõe, e, em primeiro lugar, com muita frequência, a própria pessoa. Engajar-se ao pensamento reclama algum exercício, como esquecer os adjetivos que o apresentam como austero, árduo, repugnante, inerte, elitista, paralisante e de um tédio sem limites. Frustrar as artimanhas que fazem crer na separação entre o intelectual e o visceral, entre o pensamento e a emoção. Quando se consegue isso, é como se fosse a eterna salvação! E isso pode permitir a cada um tornar-se, para o bem ou para o mal, um habitante de pleno direito, autônomo, seja qual for seu estatuto. Não é de surpreender que isso não seja nem um pouco encorajado.”

Viviane Forrester¹

Em meados de 1961, doutorando da Faculdade de Medicina da UFRGS, tomei conhecimento de um curso organizado pelo Livre-docente Marcelo Blaya sobre Medicina e aspectos emocionais para médicos. Aceita minha solicitação de inscrição, no desenvolvimento do curso travei conhecimento com David E. Zimerman, na época iniciando sua formação psiquiátrica, depois de uma passagem pela Clínica Médica. Passagem que certamente já demonstra sua capacidade profissional, pois fez parte de um seletivo e reconhecido grupo médico da época que trabalhava e ensinava na Enfermaria 2 da Santa Casa, sede da cadeira de Clínica Médica do Professor Tomaz Mariante. No ano seguinte, iniciei residência na Clínica Pinel, retornando ao contato com o David, que então foi meu professor e supervisor, junto com o diretor da residência, Marcelo Blaya. Desenvolveu-se então uma amizade dentro do trabalho na Clínica, onde ele foi, durante vários anos, Diretor Clínico, e eu exercia funções clínicas e de ensino. Desde os primeiros contatos, fui capaz de perceber um dos aspectos que considero fundamental na personalidade do David e que tem papel significativo na sua carreira profissional. Refiro-me à sua capacidade de estimular o debate, o livre pensar e a criatividade dos que com ele convivem, trabalham e estudam. Alguns anos depois, já em formação analítica, tivemos oportunidade de trabalhar juntos novamente numa experiência pioneira em nosso estado, e talvez no Brasil, que foi o Programa de Educação Continuada da Associação Médica do Rio Grande do Sul. Novamente sua característica maneira de trabalhar e de relacionar-se com os demais participantes da tarefa – no caso os professores e alunos do Programa – foi de capital importância para o desenvolvimento e sucesso da idéia inovadora, como forma de ensino e estudo da prática médica. Em todas essas atividades e na sua clínica, David sempre comunicou suas experiências através de trabalhos, que estão publicados em revistas e livros, sendo possível observar a evolução de suas idéias – com a devida permissão de Winnicott – da clínica médica à psicanálise. Pensador original e estudioso sem preconceitos, foi capaz de desenvolver uma sólida cultura psicanalítica que lhe conferiu uma posição pluralista, aberta, mas sempre dentro dos conceitos fundamentais da psicanálise. Esse talvez seja o aspecto mais discutido do autor,

algumas vezes distorcido e colocado como um ecletismo superficial, pois seu conhecimento permite-lhe o livre trânsito desde os trabalhos fundamentais de Freud aos de seus seguidores, e às diferentes escolas que se desenvolveram a partir daí. Aqui é interessante lembrar o que Bollas² disse em Porto Alegre sobre escolas e “movimentos”: “porque para todas as tradições intelectuais, não importa qual seja a disciplina, é uma tragédia quando uma escola se torna ‘movimento’, no qual papas, bispos, cardeais e uma estrutura autoritária insiste na imposição de suas idéias sobre outras escolas de pensamento...”. A convivência entre as escolas permite que se possa ter uma visão do desenvolvimento do pensamento psicanalítico sem as barreiras dos “movimentos” e com a possibilidade do pensamento livre, autônomo, que é o pensamento criativo. Vamos nos socorrer do próprio autor para enfatizar esse aspecto do pensamento livre e sem preconceitos e ao mesmo tempo mostrarmos a sua posição independente dentro das diversas idéias e teorias psicanalíticas que existem na atualidade – “O pluralismo, muito mais do que um mero ecletismo, consiste exatamente em permitir um espaço de coexistência entre diferentes correntes, sempre levando em conta que a verdade não está numa delas ou numa outra, mas sim entre elas”. (Prólogo, p. 5)

Outro aspecto que quero salientar do autor é a sua honestidade intelectual e a capacidade de ouvir e reconhecer críticas ao seu trabalho e às suas idéias. Quando me refiro a críticas, estou falando de troca de idéias, debates, questionamentos, o que sei que é extremamente difícil, pois os aspectos pessoais muitas vezes impedem esse saudável exercício. Dentro dos limites humanos penso que David tem essa qualidade, o que, aliás, permite-lhe esse constante desenvolvimento de seu pensamento e de sua produção psicanalítica. Poderia estender-me mais nesta apresentação do autor, através de minha visão que, apesar da profunda e carinhosa amizade que me une ao David, penso, transmitiu o que pretendo: mostrar como este livro é fruto de um trabalho que se iniciou na Enfermaria 2 e que se desenvolveu nesses anos de formação pessoal e profissional, num processo de elaboração e integração de estudos, prática clínica e intercâmbio com colegas e alunos com quem tem convivido.

O livro, do qual não farei uma síntese porque o autor o faz na Introdução, é uma visão que oscila do panorâmico ao específico. Vou valer-me de uma imagem para melhor esclarecer o que quero dizer: é como se sobrevoássemos uma região e, ao observarmos um determinado aspecto de maior relevância, descêssemos para pesquisarmos e aprofundarmos nossa observação. Assim transcorreu para mim a leitura, com momentos de reencontro de conceitos (é claro que sempre com a impressão do autor) e outros com idéias originais que nos fazem pensar, independente de concordâncias ou discordâncias. Isso torna o livro de leitura agradável e instigante que, penso, será proveitosa tanto para o iniciante que procura uma aproximação com o conhecimento analítico como para analistas em diferentes estágios de conhecimento e experiência. Apesar de considerar que a obra tem um estrutura lógica, desenvolvendo-se de uma maneira harmônica numa sucessão de conhecimentos que vão-se integrando e formando um todo coerente, vou destacar alguns aspectos pela sua originalidade ou pelos debates que propõe. Assim, além de várias colocações que se observa, ao longo da leitura, da forma como o autor se posiciona frente aos conceitos fundamentais da Psicanálise, ele contribui com algumas idéias próprias que em seguida veremos. Um exemplo de seu posicionamento frente às questões com os conceitos estabelecidos na psicanálise está no capítulo 2 – “Psicoterapia e Psicanálise: Semelhanças e Diferenças” – e também no que antes fiz referências, à sua franqueza e honestidade na abordagem de um polêmico e controvertido tema. Esse tema vincula-se ao capítulo 4, no qual o autor aborda “A Psicanálise Contemporânea”, onde faz uma síntese das modificações que o pensamento analítico sofreu nesses 100 anos com as conseqüências na técnica e conduta clínica dos analistas. Nesse capítulo, o autor aborda o que ele caracteriza como os três períodos em que pode ser dividida a evolução da Psicanálise: “ortodoxa, clássica e contemporânea”, com seus respectivos “paradigmas”. Creio ser discutível a divisão e se as modificações que a teoria vai sofrendo podem ser caracterizadas como mudanças de paradigmas.

Nos capítulos em que desenvolve os aspectos da teoria psicanalítica, encontramos, além de uma síntese didática dos fundamentos da teoria, algumas idéias originais do autor. Ao desenvolver o capítulo 11 – “Os Mandamentos do Superego” – o autor propõe o termo “contra-ego” para denominar o que Steiner chama de organização patológica, e Rosenfeld, de

ganguê narcisista, de onde partem impulsos que sabotam o desenvolvimento sadio do ego. No capítulo 12, “Inveja: Pulsão ou Defesa?”, é proposta uma terceira posição, diferente do conceito kleiniano da inveja da natureza inata, ou da psicologia do ego caracterizada como uma reação secundária à frustração. Nesta terceira posição, a inveja é vista como um sentimento inerente à condição humana, de aparecimento precoce, mas não inato. No capítulo seguinte, ao abordar as posições, conceito clássico da teoria kleiniana vinculado à noção de objetos – parciais ou totais – as conhecidas posições esquizoparanóide e depressiva, o autor propõe uma terceira: “a posição narcisista – que precederia a posição esquizoparanóide, diferente, portanto, do conceito utilizado por Hanna Segal, que a coloca como integrante da posição esquizoparanóide. No capítulo 14, encontramos outra contribuição original do autor: “o Vínculo do Reconhecimento”, colocando-o em equivalência com os conhecidos (e reconhecidos) vínculos de Amor, Ódio e Conhecimento de Bion. Esse conceito complementa-se no capítulo 37, integrando-se com outras abordagens interessantes e originais sobre “A Face Narcisista da Sexualidade Edípica”. Ainda queremos fazer referência especial ao capítulo 16 – “O Espelho na Teoria e na Prática Psicanalítica” – pela clareza e integração do texto desde a mitologia, a bíblia, o folclore, até os trabalhos psicanalíticos – e sua importância e significado na compreensão e prática psicanalítica. Muitos outros pontos poderíamos considerar: em especial, aspectos técnicos nos quais se vê a experiência do autor como terapeuta e supervisor e os variados usos que faz, dentro da técnica psicanalítica, em respostas ao material do paciente, de seus conhecimentos teóricos. Mas vamos deixar ao leitor ir descobrindo o mundo de estímulos contido nas entrelinhas, assim como “a comunicação não-verbal”, no capítulo 33, da qual o autor também nos fala com muita propriedade, e que permite ver o alcance do texto que nos ocupa neste momento.

O capítulo final – “Epílogo” – aborda a crise da psicanálise, tema que tem ocupado os psicanalistas na atualidade. Essa é uma preocupação que vem de alguns anos. Assim, já em 1970, num relato oficial ao VIII Congresso Psicanalítico Latino-Americano realizado aqui em Porto Alegre, Madeleine e Willy Baranger, Alberto Campo e Jorge Mom, no trabalho, “Correntes Atuais no Pensamento Psicanalítico” abordam o que eles denominaram “a crise da psicanálise atual”, que caracterizaram como uma crise de crescimento e de amadurecimento e consideram que existe uma crise intrínseca ao próprio desenvolvimento da teoria psicanalítica, decorrente de novas indagações e questionamentos que o conhecimento traz e uma crise decorrente da posição da análise dentro do contexto social. No momento atual, vivemos uma condição na qual assistimos ao avanço do liberalismo de uma forma que muitos consideram totalitária. Fiori³ considera que o socialismo, o nacionalismo e o liberalismo proporcionaram ao homem valores por todos reconhecidos. No entanto, o socialismo sofreu uma distorção com o stalinismo, e o nacionalismo com o nazismo, e agora temos o que ele chama de liberalismo totalitário. Esse liberalismo totalitário não admite contestação, pugna por um pensamento único com a utilização maciça dos meios de comunicação. Em especial, os aspectos que caracterizam o ser humano, que o diferenciam na escala zoológica; a existência dos afetos é rechaçada e, assim como se faz a substituição dos músculos pelas máquinas, busca-se o computador como substituto da mente humana. Apelos a formas rápidas de tratamento com a idealização de substâncias químicas que resolvem problemas sem sofrimentos e ansiedades; tratamentos em que a sugestão em suas diversas formas retoma uma força que parecia já superada, todos buscando, consciente ou inconscientemente, *atacar a capacidade de pensar*. A técnica psicanalítica, desde sua descoberta, sempre priorizou o pensamento livre, expressa na sua regra básica – a associação livre – e todos sabemos as dificuldades que encontramos para alcançá-la. Alguns analistas, como Bollas, consideram que a própria meta da análise seria atingir a livre associação. De fato, se pensarmos que a livre associação reflete a luta contra as resistências do indivíduo a pensar com liberdade sobre si, uma vez isso atingido, vencidas as resistências e estando o sujeito consciente da luta que teve para atingir esse ponto e a presença constante dos fatores que a isso se opõem, ele terá condições de detectar quando seu pensamento voltar a ter restrições e empecilhos e quando sua capacidade de pensar tornar-se diminuída. Essa é uma luta sempre presente, pois individual e coletivamente estamos sempre sendo solicitados a não pensar. O pensamento é o maior inimigo dos “movimentos” que buscam a

idéia única, ou seja, o não pensar. A globalização e a massificação atacam as verdades com promessas de felicidade e de liberdade quando, na realidade, propõem caminhos onde a liberdade é cortada.

A psicanálise é por definição questionadora. O acomodar-se ao meio e aos poderes estabelecidos, cedendo a apelos sedutores como prestígio, dinheiro, etc., descaracteriza a psicanálise, que é cooptada pelo meio e dessa forma perde seu caráter subversivo. O mesmo se passa com o pensamento: a utilização maciça dos meios de comunicação como forma de anestesiar o indivíduo; a constante mensagem para adaptar-se ao poder existente; o desprezo e o ataque por qualquer idéia diferente que se oponha ao estabelecido, buscando descaracterizá-la, usando o deboche e a ironia como maneira de intimidar o “diferente”, colocando-o numa posição incômoda como alguém ultrapassado expressando idéias estapafúrdias, negando-se a ver as maravilhas que lhe são ofertadas.

Livros como este que estou comentando, além do seu aspecto educativo para os iniciantes em psicanálise, tem a qualidade de fazer pensar a todos que o lerem. Toda produção intelectual e/ou científica que produza debates e inquietações concorre para opor-se às forças que tentam desvalorizar o pensamento e o conhecimento. A acusação de que o trabalho intelectual é elitista é uma tentativa de desvalorizar as funções que estimulam o pensamento livre. A psicanálise pode ter um importante papel nesta luta pela liberdade e pela manutenção de condições propícias ao desenvolvimento científico, se conseguir manter um espírito questionador, “evitando cair em todo o tipo de adequação ou adaptação que limite ou neutralize sua liberdade para se opor, interrogar ou propor”. (Baranger e cols.)

Penso que, com sua produção científica e, de modo particular, com este livro, David dá uma importante contribuição nessa luta pela liberdade de pensar e pela busca da verdade, opondo-se às mistificações e falsidades hegemônicas e totalitárias.

Flávio Rotta Corrêa
Membro Efetivo da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul.
Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
Analista Didata.

NOTAS

¹ Forrester, V. *O horror econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.

² Bollas, C. Entrevista pública. *Rev. Bras. Psicanal.*, v. 31, n. 4, p. 1042, 1997.

³ Fiori, José Luís (cientista político). Entrevista à Folha de São Paulo em 13 de abril de 1998.

Introdução

Inicialmente, pretendo dialogar com o leitor, e para tanto proponho-me a um diálogo comigo mesmo, procurando responder questões que eu próprio me formulo e que dizem respeito sobretudo a três aspectos: quais as razões que me levaram a gestar e a publicar este livro, para qual tipo de público e, em terceiro lugar, com qual forma de sistematização e redação.

A primeira interrogação justifica-se pela sabida razão de que todos nós, que pertencemos à área de influência da psicanálise, temos à mão uma literatura psicanalítica com uma fartura de excelentes livros, de renomados autores, tanto de teoria psicanalítica como de metapsicologia, psicopatologia, técnica e prática. Talvez seja essa própria afirmativa a primeira razão que me motivou para o projeto desse livro: de fato, ao mesmo tempo em que uma abundante e protéica literatura representa uma evidente vantagem, ela também pode constituir-se em um fator algo confusãoante, especialmente se levarmos em conta os problemas semânticos, ou seja, seguidamente encontramos nos textos de diferentes autores que um mesmo termo designe diferentes fenômenos psíquicos, enquanto também é freqüente que terminologias distintas aludem a uma mesma conceituação psicanalítica.

Entendi que tais inconvenientes pudessem ser amenizados por meio de uma leitura que fosse ao mesmo tempo abrangente, simplificadora, integradora e, sobretudo, com um propósito pedagógico. Essa finalidade de integração inclui o objetivo de estabelecer uma articulação entre as pioneiras descobertas de Freud e aquelas outras concepções psicanalíticas, frutos das profundas transformações que a psicanálise vem sofrendo nesse seu primeiro século de existência, até chegar às mais recentes contribuições da psicanálise moderna, de sorte a tentar uma possível integração entre as distintas correntes psicanalíticas da atualidade.

Uma segunda motivação para a feitura deste compêndio consiste em um continuado e animador estímulo que tenho recebido por parte de colegas mais jovens, com os quais tenho tido o privilégio de constituir inúmeros e duradouros grupos de estudo, acerca das variadas temáticas que compõem este livro, sempre levando em conta que todos os temas estudados devam manter uma íntima conexão com a prática clínica. Nesses grupos de estudo, descubro colegas mais jovens que me socorrem com questionamentos instigantes, sugestões inteligentes, um alerta para a necessidade de esclarecimentos, com um apontamento de eventuais omissões e falhas; além disso, eles me ajudam muitíssimo com o seu carinhoso e persistente incentivo.

Da mesma forma, nos últimos anos tenho tido a fortuna de ser convidado, de múltiplos quadrantes, para participações especiais em jornadas, congressos, cursos, palestras, aulas inaugurais, eventos comemorativos, etc, tanto por parte de sociedades psicanalíticas filiadas à IPA, como de grupos de estudos e centros formadores em psicoterapia psicanalítica, sendo que tais circunstâncias têm-me oportunizado um encontro bastante estreito com colegas em diferentes graus e níveis de formação psicanalítica, muito particularmente com os da nova geração.

Estes últimos, de forma sistemática, costumam manifestar uma ânsia por um aprendizado dos princípios essenciais da ciência psicanalítica, a partir de textos que, de forma a mais simples possível, integrem as concepções pioneiras da psicanálise com as mais modernas, assim como também almejam uma integração entre as conceituações provindas dos mais dis-

tintos autores. Neste último caso, alegam esses colegas, as concepções psicanalíticas aparecem descritas de tal forma, que por vezes soam coerentes e complementares entre si, ao mesmo tempo que também despertam uma sensação de que elas comumente são divergentes, contraditórias, redundantes e tautológicas, com o risco de uma “babelização”.

A segunda questão que me formulei refere-se a *para quem* este livro se destina. Meus editores, Henrique e Celso Kiperman, respectivamente pai e filho, mercê de um notório “faro” para perceber as necessidades emergentes do público leitor, acreditam que há uma evidente demanda, em grande parte constituída por estudantes dos cursos de psicologia e por profissionais praticantes da psicoterapia psicanalítica, por um livro que “sintetize os princípios da psicanálise, mantendo a profundidade, a complexidade e a atualidade dos mesmos, ao mesmo tempo em que não se perca uma necessária simplicidade e acessibilidade, de modo que possa ser consultado e estudado tanto por psicanalistas veteranos ou em adiantada formação como também por iniciantes ou profissionais em geral que, filiados ou não à IPA, estudam e praticam a terapia psicanalítica”.

A propósito, é necessário deixar bem claro que emprego deliberadamente o termo “*terapia psicanalítica*” não como um eufemismo conciliador entre psicanálise e psicoterapia de fundamentação analítica, mas sim – tal como aparece no capítulo 2 – como uma forma de preservar as necessárias distinções entre aquelas duas e, ao mesmo tempo, também para encurtar as enormes distâncias que ainda hoje muitos estabelecem de forma radical entre psicanálise e psicoterapia psicanalítica. Aliás, a aludida expressão “terapia psicanalítica” foi a que Freud utilizou por muito tempo, como é possível constatar na capitulação de alguns importantes trabalhos seus, o que pode ser exemplificado com *O Porvir das Terapias Psicanalíticas* (1910), *Terapia Analítica* (é o título de um dos capítulos de *Leituras Introdutórias*, de 1916), ou ainda *Os Caminhos da Terapia Analítica* (1919). Na verdade, pelo menos nos primeiros tempos, Freud nunca estabeleceu uma diferença entre psicanálise e qualquer outra forma de psicoterapia; o que, sim, ele diferenciava enfaticamente era a ciência psicanalítica, de um lado, e as várias formas de sugestão e/ou hipnose, de outro.

Assim, é possível que, neste livro, em alguns momentos, as expressões “terapia analítica”, “psicoterapia de orientação psicanalítica” e “psicanálise” apareçam com significação equivalente, o mesmo podendo acontecer com os termos “analista”, “psicanalista”, “terapeuta” e “psicoterapeuta”. Creio que, de forma genérica, o termo “método analítico” possa representar um denominador comum e integrar a conceituação essencial dessas diversas denominações.

Como a proposta dos meus editores, antes mencionada, coincidiu inteiramente com a minha ideologia particular de que fosse produzido um livro dessa natureza, após uma recíproca troca de estímulos resolvi aceitar aquilo que, mais do que um prestigioso convite, foi significado por mim como sendo um forte desafio, porquanto nunca me iludi quanto às enormes dificuldades e o exaustivo trabalho que eu teria pela frente. Pensei seriamente na possibilidade de convidar muitos colegas de notório saber em suas respectivas áreas mais específicas de conhecimentos da psicanálise, os quais, certamente, além de um maior prestígio, dariam uma contribuição muito mais valiosa para este livro e iria poupar-me bastante esforço. No entanto, resisti a essa tentação pela razão única de que entendo que um livro de finalidade didática deve conservar uma uniformidade conceitual e de estilo, além de permitir que um capítulo possa remeter a um outro, de modo a propiciar uma certa continuidade e conexão entre os sucessivos capítulos, e desses com a prática clínica cotidiana. Abri uma única exceção, no capítulo dedicado à fundamentação psicanalítica com crianças e adolescentes – o qual leva a assinatura do reconhecido psicanalista Frederico Seewald, com quem comungo uma mesma ideologia psicanalítica –, para manter uma coerência, pois, embora eu tenha tido uma certa experiência psicanalítica com crianças, púberes e adolescentes, ela não foi suficiente para construir um conhecimento sólido, que justificasse a condição de poder ser eu o autor de um capítulo tão específico.

O terceiro aspecto dos meus questionamentos é o que diz respeito à *forma* como este livro deveria ser produzido: optei pela tentativa de reunir em uma única obra as quatro principais áreas da psicanálise, isto é, a teoria (e metapsicologia), a técnica, a psicopatologia e a

prática clínica. Evidentemente, paguei um certo preço por essa decisão tão abrangente e, é claro, tão sincopada.

Confesso que o projeto inicial era mais simples, o livro ficaria restrito unicamente aos fundamentos básicos e essenciais da ciência psicanalítica; no entanto, à medida que os capítulos iam-se sucedendo, também eu ia-me empolgando, de sorte que muitos capítulos resultaram bastante complexos e talvez de leitura difícil, porém trazem a vantagem, assim quero crer, de poderem ser úteis também para psicanalistas já bem experimentados.

Ainda em relação à forma de redação dos textos, voltado para a possibilidade de que eles possam servir para alguma finalidade de ensino-aprendizagem, é possível que eu tenha abusado do recurso de fazer longas enumerações, com sucessivos itens que destacam alguns aspectos que me pareceram particularmente mais relevantes. Justifico esse tipo de recurso expositivo pela esperança de que, caso este livro cumpra o seu propósito de colaborar para seminários e grupos de estudos, fica mais fácil de ser acompanhado pelos participantes.

Da mesma forma, como eu costumo valorizar bastante a procedência etimológica de determinados termos psicanalíticos, também é possível que eu tenha incorrido num certo abuso no sentido de explicitá-los, ora em um entre-parênteses, ora em palavras grafadas e com um hífen separador dos étimos que dão origem à palavra. Em parte, absolvo-me desse provável exagero etimológico porque não o faço por diletantismo ou por um agradável exercício lúdico, mas, sim, porque acredito que a etimologia tem muito a nos ensinar, porque ela sobretudo se constitui como um processo de sucessivas transformações que se efetivam na passagem dos povos, de sua cultura e estado mental.

Um outro provável exagero talvez seja o emprego de redundâncias, de modo a repetir as mesmas conceituações e formulações que já haviam aparecido em outros capítulos, apesar de que fiz isso deliberadamente, por acreditar que uma repetição continuada pode favorecer a compreensão e a respectiva introjeção por parte do leitor, sempre respeitando, é óbvio, a sua capacidade de crítica e discriminação.

Também cabe registrar que procurei manter-me o mais fiel possível às idéias dos autores que são mencionados; no entanto, cabem duas ressalvas: uma é que, embora eu mencione uma extensa bibliografia, não me senti obrigado a citar todos os trabalhos de todos os autores que escreveram sobre um determinado tema que hoje já esteja definitivamente anexado ao corpo da psicanálise, por mais brilhantes que eles possam ter sido, e até terem me servido como uma eventual fonte de inspiração. A segunda ressalva é que, em meio às contribuições clássicas dos mais importantes autores, de distintas épocas, atrevo-me, em certos temas, a publicar pontos de vista que são de minha única e exclusiva responsabilidade – confio nos critérios dos leitores para avaliarem a utilidade, ou não, dos mesmos.

Finalmente, cabe dizer que tentei ao máximo estabelecer um entrelaçamento entre a teoria, a técnica e a prática clínica e, de forma análoga, sempre que possível, busquei entrelaçar os pontos de vista das diferentes escolas acerca de um determinado assunto, especialmente com os referenciais pioneiros de Freud.

Assim, em épocas passadas, os analistas radicavam-se em uma única corrente psicanalítica e buscavam, precipuamente, aquilo que dividia os autores e psicanalistas; na atualidade, muitos cometem um exagero oposto, buscando unicamente aquilo que os reúne. Como muitos outros, acredito que a virtude deve estar em um meio-termo entre essas posições polarizadas, sempre levando em conta o que Bion nos ensinou acerca das vantagens de pensarmos a partir de uma multiplicidade e diversidade de *vértices*, reversíveis entre si. O pluralismo, muito mais do que um mero ecletismo, consiste exatamente em permitir um espaço de coexistência entre diferentes correntes, sempre levando em conta que a verdade não está em uma delas ou numa outra, mas, sim, *entre* elas. Não obstante isso, não é possível negar de todo o fato de que ainda persiste uma certa tendência de que cada uma das escolas queira excluir as demais.

O presente livro de fundamentos psicanalíticos está dividido em quatro partes: 1) Aspectos Gerais. 2) Teoria e Metapsicologia. 3) Psicopatologia. 4) Técnica e Prática. Cada uma dessas partes consta de um certo número de capítulos que perfazem um total de 42. A criação original desses capítulos não foi feita em uma seqüência linear e com uma continuidade sistematizada, tal como aparece no livro, e, muito menos, este foi confeccionado de um só fôlego.

Pelo contrário, ele nasceu de uma gestação lenta, de vários anos de duração, e a elaboração inicial de alguns textos resultou da apresentação de trabalhos em congressos, conferências, publicações em revistas, etc., tal como, na medida do possível, especificarei a seguir.

Assim, na primeira parte, que trata dos “Aspectos Gerais”, o capítulo 1 – cuja versão parcial foi apresentada, em 1995, como aula inaugural do ITI (Instituto de Terapias Integradas, de Porto Alegre) – aborda uma necessária “Evolução Histórica da Psicanálise”, sendo que, mais do que uma narrativa linear da história da ciência psicanalítica, o texto pretende enaltecer o fato de que a leitura de qualquer texto somente adquire consistência se ela for feita dentro de um contexto, o histórico, inclusive. O capítulo 2, intitulado “Psicoterapia e Psicanálise: Semelhanças e Diferenças”, visa a estabelecer as diferenças óbvias que existem entre psicanálise e psicoterapia psicanalítica, ao mesmo tempo em que também se propõe a mostrar que existem muitas semelhanças, e que as diferenças entre ambas não são tão profundas e inconciliáveis como certos setores de psicanalistas insistem em apregoar. No capítulo 3 – “As Sete Escolas de Psicanálise” – é onde mais claramente aparece o propósito de situar o leitor no torvelinho das várias escolas, particularmente para os que ainda não estão familiarizados com as múltiplas concepções provindas de cada uma delas, de modo que um dos objetivos desse capítulo é servir como uma espécie de ponto de referência e de consulta para elucidar concepções originais dos distintos autores que embasam este livro. O capítulo 4 – “A Psicanálise Contemporânea” – faz uma espécie de síntese dos três anteriores, a fim de estabelecer com mais determinação como está sendo entendida e praticada a psicanálise contemporânea. As idéias contidas nesse capítulo foram inicialmente apresentadas em uma conferência – a convite – na Universidade de Coimbra, Portugal, em 1996.

A segunda parte do livro é denominada “Teoria”, e dela constam 12 capítulos, que abordam: os princípios gerais que regem “A Estrutura e o Funcionamento do Psiquismo” (capítulo 5); os fundamentos essenciais para “A Formação da Personalidade”, desde os primórdios do desenvolvimento emocional primitivo (capítulo 6); passando por “O Grupo Familiar: Normalidade e Patologia da Função Materna” (capítulo 7); e seguindo pelo primitivismo do “Trauma e Desamparo” da criança (capítulo 8). A versão original deste último capítulo foi apresentada na mesa-redonda “Trauma e Desamparo Humano”, na Jornada do CEP (Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre), em setembro de 1997. A vital necessidade de que seja bem conhecida pelo leitor a “estruturação tripartite da mente” está desenvolvida nos três capítulos seguintes, que abordam, respectivamente, as “As Pulsões do Id” (capítulo 9), “As Funções do Ego” (capítulo 10) e “Os Mandamentos do Superego” (capítulo 11). Complementando-os, o capítulo 12 – cuja versão original, com o mesmo título, aparece publicada na *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, vol. 1:2, 1994 – aborda a relevante e sempre atual questão “Inveja: Pulsão ou Defesa?”. Segue-se a importante noção de “Posições”, de M. Klein, com um destaque para o que, creio, pode ser chamado de “A Posição Narcisista” (capítulo 13), sendo que uma versão parcial desse capítulo, com um artigo denominado “A Posição Narcisista”, está publicada na *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, vol. 3:2, 1996. Igualmente importante é, baseado em Bion, a noção de “Vínculos”, com a inclusão do que considero como “O Vínculo do Reconhecimento”, que constitui o capítulo 14, o qual é uma versão ampliada e modificada do trabalho que originalmente foi apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em Recife, em 1995, e que posteriormente, sob o título “O Vínculo do Reconhecimento”, foi publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 30: 3, 1996. Não poderia faltar um capítulo específico sobre “Sonhos: Formação e Funções” (capítulo 15), dada a sua importância na história e na atualidade da psicanálise. Tendo em vista que grande parte do desenvolvimento emocional primitivo está sendo enfocado por importantes autores de distintas escolas psicanalíticas, desde o vértice do olhar da mãe funcionando como uma espécie de “espelho” para a criança, e que esse aspecto exerce uma decisiva influência na determinação de diversos quadros da psicopatologia, que constarão da terceira parte deste livro, decidi incluir um capítulo específico (16) abordando “O Espelho na Teoria e na Prática Psicanalítica”. A essência desse capítulo radica no artigo “O Espelho na Teoria e Prática Psicanalítica”, publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*,

vol. XXV:1, 1991, na qual ele consta como um “artigo premiado no concurso organizado pela Associação Brasileira de Psicanálise de Estímulo à Produção Científica”.

Destarte, a terceira parte, que aborda a “Psicopatologia”, é composta por oito capítulos: o de número 17, trata de dar uma idéia das “Neuroses” em geral, mais especificamente a “neurose de angústia”, as “fobias” e as “neuroses obsessivas”. No entanto, pela freqüência com que comparecem na clínica psicanalítica, achei útil incluir capítulos específicos sobre as “Histerias” (capítulo 18) e “Depressões” (capítulo 19), sendo que a versão original deste aparece no artigo intitulado “Etiopatogenia dos Estados Depressivos no Processo Psicanalítico”, publicado na *Revista do CEP-PA*, vol. 1:1, 1992. Seguem os capítulos que abordam: a psicopatologia das “Psicoses” (capítulo 20, cuja versão original foi apresentada na mesa-redonda do XIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em São Paulo, 1991, sobre “A Dimensão Teórico-Clínica na Análise de Psicóticos no Brasil”, título com o qual está publicado nos *Anais* do referido evento); “Pacientes Somatizadores” (capítulo 21); “Perversões” (capítulo 22). O sempre atual tema da “Homossexualidade” constitui o capítulo 23, que é uma versão algo modificada do meu artigo “A Face Narcisista da Homossexualidade: Implicações na Técnica”, publicado, em 1998, no livro *Homossexualidade: Formulações Psicanalíticas Atuais*, organizado por R. Graña; esta parte finaliza com os “Pacientes de Difícil Acesso” (capítulo 24), sendo que uma versão modificada deste último capítulo foi apresentada durante a mesa-redonda “Manejo Técnico do Paciente de Difícil Acesso”, durante o XI Congresso Brasileiro de Psicanálise, Canela, RS, 1987, e publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 22, 1988.

A quarta e última parte, que reputo como a mais importante dentro das pretensões e dos objetivos deste livro, é intitulada “Técnica” e nela procuro estabelecer uma estreita correlação entre a teoria psicanalítica e a prática clínica, por meio dos aspectos das transformações que vêm acompanhando a técnica do “método psicanalítico”, o que será feito ao longo de 18 capítulos. Começo pela “Entrevista Inicial”, com as “Indicações e Contra-Indicações” para tratamento psicanalítico, com o estabelecimento do necessário “Contrato” (capítulo 25). Sigo pelo instigante e atualizado tema acerca de “O que Mudou nas ‘Regras Técnicas’ Legadas por Freud?” (constitui o capítulo 26, sendo que as suas idéias primeiras foram originalmente apresentadas – a convite – na Sociedade de Psicanálise de Lisboa, em janeiro de 1996), bem como pela instituição do indispensável “*Setting*” (capítulo 27). Os capítulos seguintes tratam dos principais fenômenos que obrigatoriamente surgem no campo analítico, como as “Resistências” (capítulo 28); a “Contra-Resistência” (capítulo 29), os importantes processos resistenciais que podem assumir a forma de “Impasses e de Reação Terapêutica Negativa” (capítulo 30). As principais idéias desses três últimos capítulos estão contidas no trabalho “Resistência e Contra-Resistência na Prática Analítica”, apresentado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, em 1987, com o qual obtive a titulação de “membro efetivo” da SPPA. Essa quarta parte do livro segue com os capítulos “Transferências” (capítulo 31, cujas concepções originais foram apresentadas, em 1995, na conferência apresentada no ESIPP – instituição formadora de psicoterapeutas –, de Porto Alegre); a “Contratransferência” (capítulo 32); os importantes aspectos da comunicação no curso das terapias analíticas, particularmente a que se refere à “Comunicação Não-Verbal na Situação Psicanalítica” (capítulo 33, que é uma versão modificada do artigo que, com esse mesmo título, foi publicado na *Revista do Centro de Estudos em Psicoterapia* – CEP de Florianópolis, vol. 2, 1996). Igualmente, a freqüente presença do “Silêncio na Situação Psicanalítica” mereceu uma atenção específica (capítulo 34). Segue “A Atividade Interpretativa”, vista sobretudo à luz da psicanálise vincular, que compõe o capítulo 35, cuja versão original e abreviada foi apresentada na Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, em dezembro de 1996, com o título “Interpretação à Luz da Psicanálise Vincular”. As diversas formas do inevitável surgimento das “Atuações (*Actings*)” compõem o capítulo 36. O tema de “A Face Narcisista da Sexualidade Edípica”, pela sua freqüência, importância e atualidade, exigiu um capítulo particular (capítulo 37, cuja versão original foi apresentada em Ribeirão Preto, no simpósio sobre “Édipo: as Múltiplas Faces da Sexualidade”, em setembro de 1996 e posteriormente publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 31:2, 1997). O capítulo referente ao *Insight* – Elaboração – Cura (capítulo 38),

que completa essa série, representa uma versão modificada e ampliada do artigo “Algumas Reflexões sobre o Conceito de “Cura Psicanalítica”, publicado na *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*”, vol. 2:1, 1995.

Finalmente, não poderiam faltar capítulos que abordam os aspectos de técnica, a partir de outras perspectivas do método psicanalítico, como é o caso do “Fundamentos Psicanalíticos com Crianças e Adolescentes” (capítulo 39, de autoria de F. Seewald); “Psicoterapia Analítica de Grupo” (capítulo 40, o qual é uma versão algo modificada do meu artigo “Psicoterapias de Grupo”, que está publicado no livro *Psicoterapias: Abordagens Atuais*, de 1998, organizado por A. Cordioli). Da mesma forma, acreditei ser necessário incluir um artigo que enfoque as “Condições Necessárias para um Analista” (capítulo 41) e encerrar o livro com um capítulo específico que sirva como Epílogo e que discuta a “Crise Atual e as Perspectivas Futuras da Psicanálise” (capítulo 42), assim fechando um ciclo neste livro, que teve início no capítulo 1, o qual abordou as origens históricas do movimento psicanalítico.

Embora a maioria dos capítulos tenha passado pelo crivo dos continuados seminários com os meus grupos de estudo, e da leitura prévia de alguns colegas em diferentes níveis de *status* psicanalítico, estou plenamente cômico de que existem muitas incompletudes e insuficiências, até mesmo porque não tenho a menor pretensão de dar conta mais do que de uma pequena parte do imenso universo que é a psicanálise. Ao mesmo tempo, venho mantendo acesa a esperança de que essas inevitáveis deficiências sejam compensadas pela minha experiência psicanalítica de quase 40 anos, tanto clínica como didática, com a convicção de que, graças a um gosto pelo estudo e ensino, mantenho-me atualizado, apesar da velocidade vertiginosa das renovadas concepções que surgem na psicanálise. Tudo isso, aliado ao prazer e à paixão que dediquei a esta tarefa-desafio, deixa-me animado pela esperança de que este livro possa atingir os objetivos aos quais ele se propôs.

Aos eventuais interessados em adquirir esta obra, motivados pelo seu título, creio ser importante advertir que ele não é de leitura fácil, nem foi essa a minha intenção, porquanto os próprios fundamentos psicanalíticos são difíceis e complexos (embora também não caiba cair num exagero de situá-los num campo hermético e exclusivo dos especialistas). Portanto, antes de *fácil*, o que pretendo, sim, é que este livro consiga ser *claro e sintético*, sempre levando em conta que “sintetizar” não é o mesmo que “resumir”, sendo que o conceito de “síntese” alude a que os fatos enfocados sejam juntados e descritos de forma mais abreviada e abrangente, porém que conservem a mesma essência original, guardem uma inter-relação entre si e possibilitem uma abertura para novos vértices e significados.

P A R T E

1

Aspectos Gerais

Evolução Histórica da Psicanálise

Todo texto psicanalítico, quer seja ele de natureza teórica ou técnica, para adquirir um significado vivencial e uma ressonância empática com o autor e o assunto, necessita ser lido dentro de um contexto histórico-evolutivo, social, cultural e científico no qual está inserido.

Assim, utilizando um recurso unicamente de finalidade didática, penso que podemos dividir a história da assistência aos transtornos mentais e emocionais em três grandes períodos: *pré-história*, *pródromos científicos* e *psicanálise como ciência*.

PRÉ-HISTÓRIA

De forma esquemática, convém enumerar os seguintes aspectos que podem dar uma idéia da evolução de como nossos ancestrais entendiam e enfrentavam as doenças mentais:

- Existem registros arqueológicos no antigo Egito que comprovam a prática de trepanações cranianas possivelmente feitas com o objetivo de localizar alguma causa da doença mental que estaria localizada dentro do crânio, porquanto os vestígios encontrados atestam uma regularidade nas bordas e uma apurada perícia na execução daquela prática.
- Na bíblia sagrada, transparece a existência e a preocupação com uma série de quadros psicopatológicos que hoje denominaríamos de transtornos psiquiátricos, como é o caso do caráter sádico-destrutivo de Caím, a inveja dos irmãos de José, o alcoolismo de Noé, a psicose maniaco-depressiva de Saul,

e assim por diante, numa coleção digna de um bom tratado de psicopatologia.

- Existem evidências de que, na Idade Média, os doentes mentais eram degredados, punidos com crueldade ou com a morte, recolhidos a prisões e masmorras em meio a assassinos e outros marginais, exibidos em circos juntamente com gigantes, anões e outros aleijões, encarcerados em hospícios em cubículos infectos e imundos, muitas vezes algemados, etc.
- Predominava nessa época uma mentalidade voltada para a magia e a demonologia, de sorte que, junto à prática de cruéis rituais de exorcismo, também empregavam o uso de benzeduras, poções mágicas e as diversas formas de curandeirismo.
- Os rituais de “cura” eram praticados por bruxos, xamãs, sacerdotes e faraós. Na escala social da sociedade primitiva, os xamãs gozavam de alto prestígio e ocupavam o topo da hierarquia social.
- Em meados do século XVIII, Anton Mesmer, em Viena, empregava o recurso mágico do que ele chamava de “magnetismo animal”, de que todo indivíduo seria possuidor em estado potencial, e ele praticava com grupos por meio de uma forte sugestibilidade calcada no seu impressionante carisma pessoal, método que passou para a história com a denominação de *mesmerismo*, podendo ser considerado de precursor (um século antes) do *hipnotismo*.
- Coube a Pinel (1745-1826) e a seu discípulo Esquirol (1772-1840), em Bicêtre, promoverem uma inovadora reforma hospitalar que ficou sendo conhecida como *tratamento moral*, consistindo num conjunto de medidas que não as de contenção física vigentes na época, mas, sim, daquelas que mantivessem o respeito pela dignidade do enfermo mental e aumentassem a sua moral e auto-estima.

Estamos aludindo aos dois mais importantes psiquiatras nascidos no período da revolução francesa, culminada em 1789, sendo que eles comungaram e partilharam dos ideais libertários deste movimento revolucionário, e sob essa inspiração eles revolucionaram a filosofia da assistência hospitalar asilar, quebrando grilhões e cadeados, sa-

neando a imundície das celas e promovendo uma humanização e reconstrução do sentimento de identidade, principalmente pelo trabalho laborativo.

Período dos Pródromos da Psicanálise

Em 1856, nascia Sigmund Freud que, aos 17 anos, iniciou a sua formação médica em Viena, onde destacou-se como um aluno e estagiário brilhante, sendo que muito cedo ele demonstrou a centelha do gênio no campo da investigação que o levou à descoberta da estrutura gonadal das enguias e, mais tarde, no campo da fisiologia, com os seus estudos sobre o sistema nervoso de certos peixes. Aliás, creio que indo além de uma mera coincidência, podemos inferir que o seu interesse pela estrutura “gonadal” e pelo “sistema nervoso” já prenunciava que a descoberta da psicanálise palmilharia estes caminhos da sexualidade e do psiquismo provindo do sistema nervoso, como ele julgava nos primeiros tempos. Um pouco mais tarde, em 1891, publicou um livro sobre *Aphasia* e, em 1895, divulgou os seus estudos sobre “paralisias cerebrais infantis”, sendo que ambos o conceituaram como pesquisador e neurólogo.

A medicina desta época era quase que inteiramente assentada em bases biológicas, muito pouco interessada na psicologia que então era entregue aos filósofos, sendo que a nascente psiquiatria não passava de um ramo da neurologia, para o que contribuiu muitíssimo a descoberta de uma causa etiológica infecciosa (o *Treponema pallidum*, causador da sífilis) para o quadro mental da “paralisia geral progressiva”, assim constituindo dentro da medicina a especialidade de *neuropsiquiatria*.

Os neuropsiquiatras de então prestavam um atendimento mais humanista que os métodos anteriores, embora os recursos de que dispunham consistissem unicamente no emprego de ervas medicinais, clinoterapia (repouso no leito), hidroterapia, massagens, estímulos elétricos (não confundir com eletrochoque, método que surgiu mais tarde, introduzido por Bini e Cerletti, e que ainda tem uma certa utilização na psiquiatria atual); além do uso da eletroconvulsoterapia, também veio a ser empregada a indução de um estado de coma pela ação do cardiazol ou da insulina, assim como se iniciava o emprego de calmantes, como os barbitúricos. Contemporaneamente, também já estava havendo a utilização da hipnose, não só dirigida para espetáculos teatrais, como era comum na época, mas já com uma busca por fundamentos científicos.

O grande nome no campo da hipnose empregada para fins científicos era o do eminente neurologista Charcot, que professava na famosa Salpêtrière, em Paris, e cujos ecos das espetaculares descobertas chegaram aos ouvidos de Freud, que conseguiu fundos de uma bolsa para estagiar e acompanhar de perto o carismático mestre francês, no período de setembro de 1885 a fevereiro de 1886. Sobretudo, dois aspectos impressionavam a Freud: a existência da histeria em homens e a observação da dissociação da mente, induzida pela hipnose.

Entretanto, um pouco antes disso, em 1882, o notável neurologista J. Breuer relatou a Freud o método de base hipnótica que ele empregava com a sua jovem paciente histérica que entrou na história com o nome de Ana O. (cujo verdadeiro nome era Berta Papenheim). Esta paciente, durante o estado de transe, recordava uma série de ocorrências traumáticas ocorridas num passado remoto, obtendo com isto um grande alívio sintomático, e Breuer denominou este novo método terapêutico de *catarse*, ou *ab-reação* (também é conhecido com o nome de *talking cure*, porque assim Ana O. se referia a ele). Quando essa paciente produziu histericamente uma gravidez imaginária, Breuer ficou muito assustado (ainda não era conhecido o fenômeno da transferência) e providenciou uma viagem como meio de fugir dessa tão incômoda situação que, inclusive, estava a ameaçar o seu casamento.

As sementes do interesse pelo hipnotismo despertadas pelo relato de Breuer ficaram plantadas no jovem Freud e motivaram-no a aprender com Charcot a ciência do hipnotismo, experiência que ele repetiu em 1889 por uma segunda vez na França, agora em Nancy, onde pontificavam os mestres Liebault e Bernheim, com os quais Freud aprendeu e ficou altamente impressionado com as experiências da “psicose pós-hipnótica” que lhe permitiram verificar que, mesmo em estado consciente, as pessoas executavam ordens absurdas que provinham dos mandamentos neles implantados durante o transe hipnótico.

Freud mostrava-se incrédulo e descontente com os métodos pretensamente científicos empregados pelos neuropsiquiatras contemporâneos e resolveu empregar o método do hipnotismo com as suas pacientes históricas, partindo do princípio de que a neurose provinha de traumas sexuais que teriam realmente acontecido na infância por sedução de homens mais velhos, mais precisamente os próprios pais.

Estas experiências levaram Freud a convencer Breuer a publicarem em conjunto as suas observações e descobertas, o que foi feito em 1893, sob o

título de *Comunicação Preliminar* e que foi absorvido como constituindo o primeiro capítulo do famoso livro de ambos, *Estudos sobre a histeria*, publicado em 1895. Breuer, ainda traumatizado pelo susto que levou com Ana O., ao mesmo tempo em que discordava da orientação de Freud, cada vez mais dirigida para a sexualidade da criança, abandonou definitivamente a nova ciência, enquanto Freud prosseguiu sozinho com vigor redobrado, enfrentando as críticas mordazes e desdenhosas de todos seus colegas.

Muito cedo, Freud deu-se conta de que era um mau hipnotizador e por isso resolveu experimentar a possibilidade de que a “livre associação de idéias”, conseguida pelo hipnotismo, também pudesse ser obtida com as pacientes despertas. Para tanto, passou a utilizar um método coercitivo, convidando as pacientes a deitarem-se no divã ao mesmo tempo em que, com insistentes estímulos e pressionando a frente delas com os seus dedos, obrigava-as a associarem “livremente” como uma tentativa de recordarem o trauma que *realmente* teria acontecido, mas que estaria esquecido, devido à repressão.

Graças à paciente Elisabeth Von R. que repreendeu Freud para que deixasse de importuná-la porque, ela assegurava-lhe, sem pressão associaria mais livremente e melhor, é que ele ficou convencido de que as barreiras contra o recordar e associar provinham de forças mais profundas, inconscientes, e que funcionavam como verdadeiras resistências involuntárias. Isto constituiu-se como uma marcante ruptura epistemológica, porquanto Freud começou a cogitar que essas resistências correspondiam a *repressões* daquilo que estava proibido de ser lembrado, não só dos traumas sexuais realmente acontecidos, mas também daqueles que foram fruto de *fantasias* reprimidas.

A partir daí, o conflito psíquico passou a ser concebido como resultante do embate entre as forças instintivas e as repressoras, sendo que os sintomas se constituiriam como sendo a representação simbólica deste conflito inconsciente. Esta concepção inaugura a psicanálise como uma nova ciência, com referências teórico-técnicas próprios, específicos e consistentes.

Psicanálise como Ciência

Como vemos, Freud representa a intersecção de dois períodos: ele esteve com um pé nas concepções positivistas de sua época, não só da medicina mas também da física e química de cujos princípios ele sofreu uma enorme influência na elaboração de

suas teorias psicanalíticas. O outro pé ele apoiou num campo que até então era totalmente desconhecido e desdenhado, criando e propondo a existência de uma dinâmica inconsciente, com leis e fenômenos específicos, alguns explicáveis pelas suas novas teorias, e outros a serem explicados e comprovados a partir de cogitações metapsicológicas.

De uma forma extremamente resumida e esquemática, podemos dividir a evolução histórica da psicanálise, centrada exclusivamente nas contribuições originais de Freud, nos cinco seguinte estágios, a seguir descritos: “teoria do *trauma*, teoria *topográfica*, teoria *estrutural*, conceituações sobre o *narcisismo e dissociação do ego*”.

1. Teoria do Trauma. Durante muito tempo, o aspecto mais conhecido e discutido da obra de Freud era o da teoria da libido, que ele elaborou inspirado nos modelos da eletrodinâmica ou da hidrodinâmica vigentes na ciência da época. Assim, o conceito de libido, que Freud concebeu como sendo a manifestação psicológica do instinto sexual, recebeu sua origem na tentativa de explicar fenômenos, tais como os da histeria, que Freud explicava como sendo resultantes do fato de que a energia sexual era impedida de expandir-se através de sua saída natural e fluía, então, para outros órgãos, ficando restringida ou contida em certos pontos e manifestando-se através de sintomas vários. Freud chegou à conclusão de que as neuroses, como a histeria, a neurose obsessiva, a neurastenia e a neurose de angústia (fobia), teriam sua causa imediata no aspecto “econômico” da energia psíquica, ou seja, num represamento quantitativo da libido sexual. Na neurastenia e na neurose de angústia, somente o represamento da libido sexual é o que estaria em jogo, enquanto nas demais neuroses traumáticas outros acontecimentos da vida passada também seriam fatores causadores dos transtornos neuróticos.

Partindo inicialmente da concepção inicial de que o conflito psíquico era resultante das *repressões* impostas pelos traumas de sedução sexual que realmente teriam acontecido no passado, e que retornavam sob a forma de sintomas, Freud postulou que os “neuróticos sofrem de reminiscências”, e que *a cura consistiria em “lembrar o que estava esquecido”*. Penso que, para certos casos, esta fórmula persiste na psicanálise atual como plenamente válida, porquanto é bem sabido que “a melhor forma de esquecer é lembrar” ou, dizendo de outra forma, “o sujeito não consegue esquecer daquilo que ele não consegue lembrar”. A diferença é que na época de Freud este relembrar visava unicamente a uma *abreação*, uma *catarse* por meio da verbalização dos

fatos traumáticos e os respectivos sentimentos contidos nas lembranças, enquanto hoje os analistas vão além disso e objetivam uma *ressignificação* dos significados atribuídos aos traumas que o paciente está rememorando na situação psicanalítica.

A necessidade de desfazer as repressões introduziu dois elementos essenciais à teoria e à técnica da psicanálise: a descoberta das *resistências* inconscientes e o uso das *interpretações* por parte do psicanalista.

2. Teoria Topográfica. A teoria anterior perdurou até 1897, quando então Freud deu-se conta de que a teoria do trauma era insuficiente para explicar tudo, e que os relatos das suas pacientes histéricas não traduziam a verdade factual, mas sim que eles estavam contaminados com as *fantasias inconscientes* que provinham de seus *desejos* proibidos e ocultos. Daí, ele propôs a divisão da mente em três “lugares” (a palavra “lugar”, em grego, é “*topos*”, daí teoria topográfica). A estes diferentes lugares ele denominou: *Consciente*, *Pré-Consciente* e *Inconsciente*, sendo que o paradigma técnico passou a ser: “*tornar consciente o que estiver no inconsciente*”.

Em 1900, Freud publicou *A interpretação de sonhos*, no qual ele comprova que o conteúdo do sonho “manifesto” pode ser visto como um modo disfarçado e “censurado” da satisfação de proibidos desejos inconscientes. A propósito, essa fase teórica de Freud pode ser resumida com a sua afirmativa de que “*todo sonho, e sintoma, tem um umbigo que conduz ao desconhecido do inconsciente*”, sendo que, pode-se acrescentar, é a descoberta do significado simbólico dos sonhos e sintomas que inaugura a psicanálise como ciência propriamente dita.

A partir do seu fracasso com a análise de “Dora” – escrito em 1901, mas que somente foi publicado em 1905, por razões de sigilo profissional –, Freud obrigou-se a fazer profundas reflexões, sendo que ele chegou a afirmar que, desde então, a técnica psicanalítica foi profundamente transformada. Pode-se dizer que as principais transformações que se processaram nessa época foram: a) a psicanálise deixou de ser uma detida investigação e busca de solução de, separadamente, sintoma por sintoma; b) a descoberta e a formulação do “princípio da multideterminação” dos sintomas; c) o próprio paciente é quem passou a tomar a iniciativa de propor o assunto de sua sessão; d) o analista substituiu a atitude de comportar-se como um investigador ativo e diretivo por uma atitude mais compreensiva da dinâmica do sofrimento do analisando; e) abandono total da técnica da hipnose e da sugestão

devido à percepção de Freud de que as mesmas encobriam a existência de “resistências”; f) estas últimas resultam de repressões, sendo que o retorno do reprimido manifesta-se pelo fenômeno da “transferência”; g) sobretudo, o “caso Dora” ensinou a Freud a existência e a importância de o analista reconhecer e trabalhar com a “transferência negativa”.

3. Teoria Estrutural. À medida que se aprofundava na dinâmica psíquica, Freud tropeçava com o campo restrito da teoria topográfica, por demais estática, e ampliou-a com a concepção de que a mente comportava-se como uma estrutura no qual distintas demandas, funções e proibições, quer vindas do consciente ou do inconsciente, interagiam de forma permanente e sistemática entre si e com a realidade externa. Desta forma, mais precisamente a partir do trabalho *O ego e o id* (1923), ele concebeu a estrutura tripartite, composta pelas instâncias do id (com as respectivas pulsões), do ego (com o seu conjunto de funções e de representações) e do *superego* (com as ameaças, castigos, etc). O paradigma técnico da psicanálise foi formulada por Freud como: “*onde houver id (e superego), o ego deve estar*”.

4. Conceituações sobre o Narcisismo. Embora não tenha sido formulado como uma teoria, os estudos de Freud sobre o narcisismo abriram as portas para uma mais profunda compreensão do psiquismo primitivo e constituíram-se como sementes que continuam germinando e propiciando inúmeros vértices de abordagem por parte de autores de todas correntes psicanalíticas. De acordo com o pensamento mais vigente entre os autores, pode-se dizer que, na atualidade, um importante paradigma da psicanálise atual pode ser formulado como “*onde houver Narciso, Édipo deve estar*”. (Grunberger, 1979)

5. Dissociação do Ego. Aquele jovem Freud que ficara perplexo ao perceber uma dissociação da mente que se manifestava nas pacientes histéricas durante o transe hipnótico induzido por Charcot, foi aprofundando suas pesquisas sobre este fascinante enigma até que ele ficou convencido de que esta clivagem da mente em regiões conscientes e inconscientes não era específica e restrita às psicoses e neuroses, mas que ela ocorria com todos indivíduos. Assim, desde os seus primeiros trabalhos com pacientes histéricas, Freud já falava de uma cisão *interssistêmica* da qual resultam núcleos psíquicos independentes. No entanto, é a partir de seu trabalho sobre *Fetichismo* (1927) e, de forma mais consistente, em *Clivagem do ego no processo de defesa* (1940), que escreveu ao apagar das luzes de sua imensa obra, é que Freud estudou a cisão ativa,

intrassistêmica, que ocorre no próprio seio do ego e não unicamente entre as instâncias psíquicas. Com isso, Freud lançou novas sementes que possibilitaram aos pósteros autores desenvolverem uma concepção inovadora da conflitiva intrapsíquica, o que, creio, pode ser exemplificado com os trabalhos de Bion (1967) sobre a existência concomitante em qualquer pessoa da “parte psicótica e da parte não-psicótica da personalidade” e cuja compreensão, por parte do psicanalista, representa um enorme avanço na técnica e na prática clínica.

O gênio de Freud possibilitou que, entre avanços, recuos e sucessivas transformações, ele construísse os alicerces essenciais do edifício metapsicológico e prático da psicanálise, sempre estabelecendo interrelações entre a teoria, a técnica, a ética e a prática clínica.

DESENVOLVIMENTOS POSTERIORES A FREUD

Como sabemos, Freud criou a psicanálise praticamente sozinho, sendo que foi somente a partir de 1906 que ele concluiu o período de seu “esplêndido isolamento” e passou a reunir-se na sua sala de espera com um seletivo grupo de brilhantes colaboradores – Abraham, Ferenczi, Rank, Steckel, Sachs, Jung, Adler –, e assim começaram as famosas “reuniões das quartas-feiras” às quais chamavam de “Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras” e das quais há pormenorizados registros históricos nas “Minutas”, organizadas por O. Rank, e onde, sob a liderança incontestada de Freud, eles trocavam idéias científicas a respeito de casos clínicos de psicanálise (nos primeiros tempos, unicamente os de Freud) e discutiam os nascentes aspectos associativos e administrativos. Mais tarde, essas “reuniões” sistemáticas viriam a instituir a Sociedade Psicanalítica de Viena.

Até 1906, no entanto, Freud já havia lançado as sementes essenciais do edifício psicanalítico, como foram as noções da descoberta do *inconsciente dinâmico* como principal motivador da conduta consciente das pessoas, o fenômeno da “*livre associação de idéias*”, a importância dos *sonhos* como via régia de acesso ao inconsciente, a *sexualidade na criança*, estruturada em torno da *cena primária* e do *complexo de Édipo*, o fenômeno das *resistências* e, por conseguinte, das *repressões*, a *transferência*, e a presença constante de *dualidades* no psiquismo; como a dos dois tipos de pulsões (inicialmente os “instintos de autopreservação e o de preservação da espécie”; mais tarde os “instintos de vida ou libidinais e os de

morte ou tanáticos”), assim como do conflito psíquico resultante de forças contrárias, do consciente *versus* inconsciente, princípio do prazer e o da realidade, processos primário e secundário, dentre outras dualidades mais.

Em Salzburgo, em 1908, houve a “Reunião de Médicos Freudianos”, posteriormente rebatizada como “1º Congresso Psicoanalítico Internacional”, ao qual compareceram 48 pessoas. A IPA (Associação Internacional de Psicanálise) foi fundada em 1910, em Nuremberg, durante o 2º Congresso Internacional (com a participação de 60 pessoas, sendo que os últimos congressos internacionais de psicanálise têm contado com uma média de 3.000 participantes, dentre um número provável de 10.000 psicanalistas no mundo todo) e, por sugestão de Freud, a presidência coube a Jung. A idéia que inspirou a criação de uma entidade internacional com princípios ortodoxos a serem rigidamente cumpridos pelos seguidores foi o fato de que, em nome e na sombra do movimento da psicanálise, estava-se disseminando não só uma licenciosidade de envolvimento sexual como também a indiscriminada prática da “análise silvestre”.

A seguir, aconteceram as dissidências de Adler, Steckel e, em 1914, a do próprio Jung. Para proteger a Freud dos detratores da psicanálise e da sua pessoa, por sugestão de Jones – que veio a incorporar-se ao grupo original – foi criado o “Comitê”, o qual foi concebido pelo modelo de uma sociedade secreta, que lembra a dos paladinos de Carlos Magno. Desta forma, Freud ofereceu um entalhe grego a cada um dos colaboradores íntimos que lhe permaneceram fiéis e que o adaptaram em seus respectivos anéis usando-os como uma insígnia. Assim, Freud, Jones, Ferenczi, Rank, Abraham, Sachs e, mais tarde, Eitington compuseram o “Círculo dos Sete Anéis” do “*Komitê*”, sob um, implícito, juramento de total fidelidade e sob um acordo explícito de que não questionariam publicamente nenhum tema fundamental da psicanálise, como o da sexualidade infantil, sem antes o terem entre eles, desta forma garantindo a continuidade do movimento psicanalítico.

Deste núcleo pioneiro da psicanálise resultaram algumas dissidências e alguns continuadores, sendo que, entre esses últimos, alguns mantiveram uma fidelidade absoluta, enquanto outros foram ampliadores, transformadores e criadores, a partir das concepções originais de Freud. Dentre os dissidentes, o nome mais importante e o que mais foi sentido por Freud foi o de Jung; um exemplo de discípulo ampliador é o de Abraham, enquanto Ferenczi

pode ser mencionado como um transformador, em muitos aspectos teóricos e técnicos.

Ao longo da obra de Freud, comprova-se que, embora gradualmente ele veio valorizando as pulsões agressivas, o masoquismo e o narcisismo, a verdade é que ele nunca deixou de considerar a posição falocêntrica como o eixo essencial do processo psicanalítico, ou seja, a sua convicção de que todos os conflitos gravitariam em torno dos desejos libidinais, do complexo de Édipo e da figura predominante do pai na conflitiva psíquica.

No entanto, a grande guerra iniciada em 1914 trouxe consigo uma abundância de casos de “neuroses de guerra”, assim como também uma alta frequência clínica de “sonhos traumáticos” que não podiam ser explicados unicamente pela etiologia da libido sexual, e este fato levou Freud a considerar a existência da repressão também de impulsos agressivos. O sadismo já tinha sido anteriormente reconhecido por ele, porém como parte constante da libido anal, sendo que a postulação definitiva do “instinto de morte” deu-se a partir do seu clássico “*Além do princípio do prazer*” de 1920.

Ao mesmo tempo, Freud esboçou os primeiros e inconclusos estudos sobre mecanismos de defesa mais primitivos, como a projeção (nos seus casos de paranóia e de homossexualidade), introjeção (com a formação de objetos internos, tal como ele os descreveu na melancolia), dissociação endopsíquica do ego, importância da contratransferência, etc.

Coube especialmente à sua filha e discípula, Anna Freud, além da liderança do já consolidado movimento psicanalítico, a continuação dos estudos do seu pai, como foram as suas importantes publicações a respeito dos múltiplos e variados mecanismos defensivos do ego de qualquer pessoa, e bem como do aprofundamento das demais funções do ego, as conscientes e as inconscientes, além de ser uma das pioneiras da análise de crianças, embora nesse caso a sua técnica guardasse um caráter mais pedagógico do que propriamente psicanalítico.

Os ensinamentos freudianos eram, então, compartilhados por um sólido grupo de psicanalistas em Viena, até que, fugindo da perseguição nazista durante a Segunda Grande Guerra, muitos deles migraram para outros países, onde deram continuidade ao movimento da psicanálise. Dentre estes últimos, sobressai o nome de H. Hartmann que migrou para os Estados Unidos e onde, com o reforço de outros psicanalistas seguidores, como Kris e Loewenstein, fundou a “Escola da Psicologia do Ego”, fortemente fundamentada em S. Freud e Anna

Freud, porém com desdobramentos próprios e concepções originais, como é o da “área psíquica livre de conflitos”, as noções de “autonomia primária e secundária”, a valorização da realidade exterior e o problema de “adaptação” à mesma. Seguindo-se a Hartmann, surgiu nesta escola a importante figura de E. Jacobson que, por sua concepção de “*self* psicofisiológico”, trouxe uma valorização às primeiras relações objetais e à internalização das mesmas. Posteriormente, a “Escola da Psicologia do Ego” inclinou-se fortemente para os estudos de M. Mahler e colaboradores, que, por meio da observação direta da relação mãe-bebê, fizeram originais postulações acerca dos estágios evolutivos da criança desde o “autismo normal” até o da “autonomia e constância objetal”, antes passando pelas fases de “diferenciação, separação e individuação”.

Também tendo como berço os Estados Unidos, foram criadas correntes que se proclamavam como psicanalíticas, mas cuja orientação fundamentava-se precipuamente em fatores socioculturais, como o da “culturalista” divulgada e praticada por E. Fromm, K. Horney, e também os autores que enfatizaram as “relações interpessoais”, como H. Sullivan.

Entrementes, ao final da década 20, a partir de Londres, começam a surgir as revolucionárias concepções de M. Klein, as quais, amparadas na sua prática de análise com crianças de muito pouca idade, convergem para uma posição essencialmente “*seio-cêntrica*”. A escola kleiniana valorizou, sobretudo, a existência de um ego primitivo já desde o nascimento, a fim de que este mobilizasse defesas arcaicas (dissociações, projeções, negação onipotente, idealização, etc.) para contra-arrestar as terríveis ansiedades primitivas advindas da – inata – pulsão de morte, isto é, da inveja primária, com as respectivas fantasias inconscientes. Talvez para não se comprometer politicamente com Freud e seus fiéis seguidores, M. Klein conservou o complexo de Édipo como o eixo central da psicanálise, porém, o fez recuar para os primórdios da vida, assim descaracterizando o enfoque triangular edípico, medular na obra freudiana. Da mesma forma que Freud, também as concepções de M. Klein foram seguidas e ampliadas por muitos discípulos contemporâneos dela e continuadores fiéis a seus pontos de vista, como Joan Rivière, S. Isaacs, por exemplo; por psicanalistas *pós-kleinianos* como H. Segal, Rosenfeld, Meltzer, Bion e outros, que não só ampliaram como também produziram muitas transformações à obra original da mestra; e também por autores *neokleinianos*, como B. Joseph e J. Steiner, entre tantos outros, e que sucessivamen-

te vêm propondo novas modificações na teoria e na técnica da psicanálise.

Também oriundo de Viena, seguindo os mesmos passos de Hartmann, migrou para os Estados Unidos, onde se radicou, o psicanalista H. Kohut que lá fundou a escola da “Psicologia do *Self*” com contribuições bastante originais, como é o fato de ele dar uma dimensão estruturante ao fenômeno do narcisismo, assim como uma especial valorização às precoces “falhas empáticas” da mãe e do meio ambiente quanto ao desenvolvimento da criança, entre tantas outras contribuições mais.

Na mesma época, orquestrada pelo carisma de J. Lacan, floresceu na França a “Escola Estruturalista”, que surgiu como reação de Lacan ao que ele considerava um excessivo pragmatismo da psicanálise norte-americana. Assim, ele propôs um “retorno a Freud”, isto é, um movimento para resgatar os princípios básicos legados pelo fundador da psicanálise e, a partir desses, construir novos desenvolvimentos metapsicológicos. Conforme o nome, “estruturalismo” indica que todos elementos psíquicos estão conjugados entre si, formando subestruturas e estruturas com significantes e significados específicos. A escola francesa de psicanálise na atualidade, embora diluída em várias correntes de pensamento psicanalítico, é altamente conceituada em todo o universo da psicanálise e conta com autores originais e muito férteis, como A. Green, para ficar num único exemplo.

Para dar uma maior completude à árvore genealógica que tem em Freud a sua raiz e tronco principal, é indispensável acrescentar dois ramos de especial importância e fecundidade, que são as contribuições da mais alta originalidade trazidas por Winnicott e Bion, ambos de genitura kleiniana.

Winnicott admitiu publicamente a sua dissidência com M. Klein, a partir da sua não-aceitação da postulação do conceito dela de “inveja primária” em 1957. Filiou-se formalmente ao “grupo independente” da Sociedade Britânica de Psicanálise, e, aos poucos, foi construindo um corpo teórico e prático inteiramente original, sendo que a sua principal contribuição é a valorização do precoce vínculo real mãe-bebê no desenvolvimento emocional primitivo. Além dessa postulação do *holding* por parte de uma mãe “suficientemente boa”, Winnicott também criou os conceitos de “verdadeiro e de falso *self*”, os de “fenômenos, espaço e objetos transicionais”, entre tantos e tantos outros mais que aqui não cabe detalhar.

Bion, também da Sociedade Britânica de Psicanálise, discípulo e analisando de M. Klein, embora sempre se declarasse como não mais do que

um simples seguidor dela, trouxe um enorme acervo de contribuições originalíssimas, a ponto de muitos considerarem-no como um verdadeiro inovador da psicanálise atual. Os trabalhos de Bion atravessam quatro décadas, sendo que, de forma pedagógica, pode-se dizer que os anos 40 foram dedicados aos estudos e prática sobre *grupos*, a década 50 aos *psicóticos*, a de 60 à *epistemologia* (os fenômenos da percepção, pensamento, conhecimento...) e o decênio 70 foi marcado por uma tendência de natureza mais *mística*.

Os autores acima aludidos serão mais detidamente explicitados no capítulo 3, que trata das sete escolas de psicanálise; no entanto, é claro que muitos e muitos outros nomes e respectivas contribuições poderiam ser mencionados, como, por exemplo, os movimentos liderados por autores dissidentes, como foi o fato, antes mencionado, de que, na década de 30, H. S. Sullivan, K. Horney e E. Fromm, alegando que Freud dedicava muito mais interesse às biológicas pulsões instintivas (*nature*) do que aos fatores socioculturais (*nurture*), desligaram-se de Freud e fundaram a corrente do “culturalismo”, a qual atingiu uma enorme aceitação nos Estados Unidos. Da mesma forma, muitos outros movimentos poderiam ser mencionados, no entanto, mesmo incorrendo em omissões e injustiças, o propósito deste artigo não pretende ir além de dar uma amostragem de como, partindo do gênio isolado de Freud, a psicanálise foi crescendo como uma árvore frondosa e com incontáveis ramificações, talvez excessivas, às vezes convergentes, outras vezes tautológicas ou divergentes, porém mantendo uma vitalidade proliferativa, possivelmente porque regada e adubada pelas podas, contestações, confrontos, transformações e um estado permanente de uma certa “crise” no próprio seio da psicanálise e nos psicanalistas praticantes.

Ainda mantendo um esquema altamente simplificador, pode-se dizer que neste seu primeiro século de existência a ciência psicanalítica tem transitado por três períodos típicos: o da psicanálise *ortodoxa*, a *clássica* e a *contemporânea*, cujas características serão especificadas no capítulo 4.

As transformações que vêm-se processando continuamente nos paradigmas da psicanálise não estão nitidamente delineadas; pelo contrário, frequentemente se sobrepõem entre si. O importante é que o psicanalista não troque simplesmente um paradigma da psicanálise por um outro mais vigente, ou que fique aferrado exclusivamente a uma determinada escola que lhe serviu de alicerce em sua teoria, técnica e prática, mas, sim, que ele conserve e correlacione todos elementos fundantes de

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Fundamentos Psicanalíticos"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).